



Universidade da Amazônia

Prosopopéia

de Bento Teixeira



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

Prosopopéia

de Bento Teixeira

Soneto per ecos, ao mesmo Senhor Jorge d'Albuquerque Coelho

PRÓLOGO

Dirigido a Jorge d'Albuquerque Coelho, Capitão e Governador da Capitania de Pernambuco, das partes do Brasil da Nova Lusitânia, etc.

Se é verdade o que diz Horácio que Poetas e Pintores estão no mesmo predicamento; e estes pera pintarem perfeitamente uma Imagem, primeiro na lisa Távola fazem rascunho, pera depois irem pintando os membros dela extensamente, até realçarem as tintas, e ela ficar na fineza de sua perfeição; assim eu, querendo debuxar com obstarido pincel de meu engenho a viva.

Imagem da vida e feitos memoráveis de vossa mercê, quis primeiro fazer este rascunho, pera depois, sendo-me concedido por vossa mercê, ir mui particularmente pintando os membros desta Imagem, se não me faltar a tinta do favor de vossa mercê, a quem peço, humildemente, receba minhas Rimas, por serem as primícias com que tento servi-lo. E porque entendo que as aceitará com aquela benevolência e brandura natural, que costuma, respeitando mais a pureza do ânimo que a vileza do presente, não me fica mais que desejar, se não ver a vida de vossa mercê aumentada e estado prosperado, como todos os seus súbditos desejamos.

Beija as mãos de vossa mercê: (Bento Teixeira)
Seu vassalo.

Dirigida a Jorge d'Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco, Nova Lusitânia, etc.

I

Cantem Poetas o Poder Romano,
Submetendo Nações ao jugo duro;
O Mantuano pinte o Rei Troiano,
Descendo à confusão do Reino escuro;

Que eu canto um Albuquerque soberano,
Da Fé, da cara Pátria firme muro,
Cujo valor e ser, que o Céu lhe inspira,
Pode estancar a Lácia e Grega lira.

II

As Déléficas irmãs chamar não quero,

que tal invocação é vão estudo;
Aquele chamo só, de quem espero
A vida que se espera em fim de tudo.

Ele fará meu Verso tão sincero,
Quanto fora sem ele tosco e rude,
Que por razão negar não deve o menos
Quem deu o mais a míseros terrenos.

III

E vós, sublime Jorge, em quem se esmalta
A Estirpe d'Albuquerque excelente,
E cujo eco da fama corre e salta
Do Cauro Glacial à Zona ardente,

Suspendei por agora a mente alta
Dos casos vários da Olindesa gente,
E vereis vosso irmão e vós supremo
No valor abater Querino e Remo.

IV

Vereis um senil ânimo arriscado
A trances e conflitos temerosos,
E seu raro valor executado
Em corpos Luteranos vigorosos.

Vereis seu Estandarte derribado
Aos Católicos pés vitoriosos,
Vereis em fim o garbo e alto brio
Do famoso Albuquerque vosso Tio.

V

Mas em quanto Talia no se atreve,
No Mar do valor vosso, abrir entrada,
Aspirai com favor a Barca leve
De minha Musa inculta e mal limada.

Invocar vossa graça mais se deve
Que toda a dos antigos celebrada,

Porque ela me fará que participe
Doutro licor melhor que o de Aganipe.

VI

O marchetado Carro do seu Febo

Celebre o Sulmonês, com falsa pompa,
E a ruína cantando do mancebo,
Com importuna voz, os ares rompa.

Que, posto que do seu licor não bebo,
À fama espero dar tão viva trompa,
Que a grandeza de vossos feitos cante,
Com som que Ar, Fogo, Mar e Terra espante

NARRAÇÃO

VII

A Lâmpada do Sol tinha encoberto,
Ao Mundo, sua luz serena e pura,
E a irmã dos três nomes descoberto
A sua tersa e circular figura.

Lá do portal de Dite, sempre aberto,
Tinha chegado, com a noite escura,
Morfeu, que com subtis e lentos passos
Atar vem dos mortais os membros lassos.

VIII

Tudo estava quieto e sossegado,
Só com as flores Zéfiro brincava,
E da vária fineza namorado,
De quando em quando o respirar firmava

Até que sua dor, d'amor tocado,
Perante folha e folha declarava.
As doces Aves nos pendentos ninhos
Cobriam com as asas seus filhinhos.

IX

As luzentes Estrelas cintilavam,
E no estanhado Mar resplandeciam,

Que, dado que no Céu fixas estavam,
Estar no licor salso pareciam.

Este passo os sentidos comparavam
Àqueles que d'amor puro viviam,
Que, estando de seu centro e fim ausentes,
Com alma e com vontade estão presentes.

X

Quando ao longo da praia, cuja área
É de Marinhas aves estampada,
E de encrespadas Conchas mil se arreia,
Assim de cor azul, como rosada,

Do mar cortando a prateada velha,
Vinha Tristão em cola duplicada,
Não lhe vi na cabeça casca posta
(Como Camões descreve) de Lagosta

XI

Mas ô a Concha lisa e bem lavrada
De rica Madrepérولا trazia,
e fino Coral crespo marchetada,
Cujo lavor o natural vencia.

Estava nela ao vivo debuxada
A cruel e espantosa bateria,
Que deu a temerária e cega gente
Aos Deuses do Céu puro e reluzente.

XII

Um Búzio desigual e retorcido
Trazia por Trombeta sonora,
De Pérolas e Aljôfar guarnecido,
Com obra mui subtil e curiosa.

Depois do Mar azul ter dividido,
Se sentou nô a pedra Cavernosa,
E com as mãos limpando a cabeleira
Da tortuosa cola fez cadeira.

XIII

Toca a Trombeta com crescido alento,
Engrossa as veias, move os elementos,

E, rebramando os ares com o acento,
Penetra o vão dos infinitos assentos.

Os Pólos que sustem o firmamento,
Abalados dos próprios fundamentos,
Fazem tremer a terra e Céu jucundo,
E Netuno gemer no Mar profundo.

XIV

O qual vindo da vã concavidade,
Em Carro Triunfal, com seu tridente,
Traz tão soberba pompa e majestade,
Quanta convém a Rei tão excelente.

Vem Oceano, pai de mor idade,
Com barba branca, com cerviz tremente:
Vem Glauco, vem Nereu, Deuses Marinhos,
Correm ligeiros Focas e Golfinhos.

XV

Vem o velho Proteu, que vaticina
(Se fé damos à velha antiguidade)
Os males a que a sorte nos destina,
Nascidos da mortal temeridade.

Vem numa e noutra forma peregrina,
Mudando a natural propriedade.
Não troque a forma, venha confiado,
Se não quer de Aristeu ser sojigado.

XVI

Tétis, que em ser formosa se recreia,
Traz das Ninfas o coro brando e doce :
Clímene, Efire, Ópis, Panopea,
Com Béroe, Talia, Cimodoce;

Drimo, Xanto, Licórias, Deiopea,
Aretusa, Cidipe, Filodoce,
Com Eristea, Espio, Semideas,
Após as quais, cantando, vem Sereas.

DESCRIÇÃO DO RECIFE DE PARANAMBUCO

XVII

Pera a parte do Sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o Céu luminoso mais serena
Tem sua influência, e temperada;

Junto da Nova Lusitânia ordena
A natureza, mãe bem atentada,
Um porto tão quieto e tão seguro,
Que pera as curvas Naus serve de muro.

XVIII

É este porto tal, por estar posta
Uma cinta de pedra, inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa,
Onde quebra Netuno a fúria esquiva.

Ante a praia e pedra descomposta,
O estanhado elemento se deriva
Com tanta mansidão, que ô a fateixa
Basta ter à fatal Argos aneixa.

XIX

Em o meio desta obra alpestre e dura,
ô a boca rompeu o Mar inchado,
Que, na língua dos bárbaros escura,
Pernambuco de todos , chamado.

de Para'na, que é Mar; Puca, rotura,
Feita com fúria desse Mar salgado,
Que, sem no derivar cometer míngua,
Cova do Mar se chama em nossa língua.

XX

Pera entrada da barra, à parte esquerda,
Está uma laje grande e espaçosa,
Que de Piratas fora total perda,
Se ô a torre tivera sumptuosa.

Mas quem por seus serviços bons não herda
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condição do Rei que não é franco
O vassalo faz ser nas obras manco.

XXI

Sendo os Deuses à laje já chegados,
Estando o vento em calma, o Mar quieto,
Depois de estarem todos sossegados,
Per mandado do Rei e per decreto,

Proteu, no Céu cos olhos enlevados,
Como que investigava alto secreto,
Com voz bem entoada e bom meneio,
Ao profundo silêncio larga o freio.

XXII

"Pelos ares retumbe o grave acento
De minha rouca voz, confusa e lenta,
Qual trovão espantoso e violento
De repentina e hórrida tormenta;

Ao Rio de Aqueronte turbulento,
Que em sulfúreas borbulhas arrebenta,
Passe com tal vigor, que imprima espanto
Em Minos rigoroso e Radamanto.

XXIII

De lanças e d'escudos encantados
Não tratarei em numerosa Rima,
Mais de Barões Ilustres afamados,
Mais que quantos a Musa não sublima.

Seus heróicos feitos extremados
Afinarão a dissonante prima,
Que não é muito tão gentil sujeito
Suprir com seus quilates meu defeito.

XXIV

Não quero no meu Canto alga ajuda
Das nove moradoras de Parnaso,
Nem matéria tão alta quer que aluda
Nada ao essencial deste meu caso.

Porque, dado que a forma se me muda,
Em falar a verdade serei raso,
Que assim convém fazê-lo quem escreve,
Se à justiça quer dar o que se deve.

XXV

A fama dos antigos coa moderna
Fica perdendo o preço sublimado:
A façanha cruel, que a turva Lerna
Espanta com estrondo d'arco armado:

O cão de três gargantas, que na eterna
Confusão infernal está fechado,
Não louve o braço de Hércules Tebano.
Pois procede Albuquerque soberano.

XXVI

Vejo (diz o bom velho) que, na mente,
O tempo de Saturno renovado,
E a opulenta Olinda florescente
Chegar ao cume do supremo estado.

Ser de fera e belicosa gente
O seu largo distrito povoado;
Por nome ter Nova Lusitânia,
Das Leis isenta da fatal insânia.

XXVII

As rédeas ter desta Lusitânia
O grão Duarte, valoroso e claro,
Coelho por cognome, que a insânia
Reprimir dos seus, com saber raro.

Outro Troiano Pio, que em Dardânia
Os Penates livrou e o padre caro;
Um Públio Cipião, na continência;
Outro Nestor e Fábio, na prudência.

XXVIII

O braço invicto vejo com que amansa
A dura cerviz bárbara insolente,
Instruindo na Fé, dando esperança
Do bem que sempre dura e , presente;

Eu vejo co rigor da tesa lança
Acossar o Francês, impaciente
De lhe ver alcançar uma vitória
Tão capaz e tão digna de memória.

XXIX

Ter o varão Ilustre da consorte,
Dona Beatriz, preclara e excelente,
Dous filhos, de valor e d'alta sorte.
Cada qual a seu Tronco respondente.

Estes se isentarão da cruel sorte,
Eclipsando o nome ... Romana gente,
De modo que esquecida a fama velha
Façam arcar ao mundo a sobancelha.

XXX

O Princípio de sua Primavera
Gastarão seu distrito dilatando,
Os bárbaros cruéis e gente Austera,
Com meio singular, domesticando.

E primeiro que a espada lisa e fera
Arranquem, com mil meios d'amor brando,
Pretenderão tirá-la de seu erro,
E senão porão tudo a fogo e ferro.

XXXI

Os braços vigorosos e constantes
Fenderão peitos, abrirão costados,
Deixando de mil membros palpitantes
Caminhos, arraiais, campos juncados;

Cercas soberbas, fortes repugnantes
Serão dos novos Martes arrasados,
Sem ficar deles todos mais memória
Que a qu'eu fazendo vou em esta História.

XXXII

Quais dous soberbos Rios espumosos,
Que, de montes altíssimos manando,
Em Tétis de meter-se desejosos,
Vem com fúria crescida murmurando,

E nas partes que passam furiosos
Vem árvores e troncos arrancando,
Tal Jorge d'Albuquerque e o grão Duarte
Farão destruição em toda a parte.

XXXIII

Aquele branco Cisne venerando,
Que nova fama quer o Céu que merque,
E me está com seus feitos provocando,
Que dele cante e sobre ele alterque;

Aquele que na Ida estou pintando,
Hierónimo sublime d'Albuquerque
Se diz, cuja invenção, cujo artifício
Aos bárbaros dar total exício.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

